

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

Caráter, a morada mais íntima do ser: Anotações de um curso de Marcos Sinésio

Eraci Gonçalves de Oliveira
Mestranda – PPGF/ Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Heráclito, no fragmento DK 119 - *Éthos anthrôpou dáimon* – pensa o *éthos* como a morada originária do homem, o lugar onde a divindade se faz presente. Carneiro Leão traduz o fragmento como: ‘A morada do homem, o extraordinário’, a partir de Heidegger, que ao pensar a existência humana desde o habitar, explicita a escuta do extraordinário com versos de Hölderlin. E Marcos Sinésio, o que diz ao falar do caráter como a morada mais íntima do ser? Como pensar o caráter no horizonte do habitar? Este artigo é inspirado nas suas palavras: ‘É necessário leveza para saltar e dançar com o pensamento’, a propósito da sua lição sobre o *ethos* como caráter – a morada mais íntima do ser. Juntamos a dança e o habitar fazendo uma analogia com o *habitar e o poético* trabalhado por Heidegger, em sua conferência proferida sob o título de “...poeticamente o homem habita...”. Nessa analogia, a dança é a atividade poética humana exemplar, fortemente ancorada num arcabouço existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Heráclito, leveza, dança, pensamento.

ABSTRACT: Heraclitus, in DK fragment 119 - *Éthos anthrôpou dáimon* – thinks on *ethos* as the original home of man, the place where divinity is present. Carneiro Leão translates the fragment as: ‘The home of man, it is the extraordinary’ which refers to Heidegger, who thinks human existence from the dwelling, and explicates the listening from the extraordinary with Hölderlin’s poetry – “...Poetically man dwells...”. And Marcos Sinésio, what does he says in speaking of the character as the most intimate habitation of being? How to think the character on the horizon of dwelling? This article is freely inspired by the words of the latter: “It’s necessary lightness to jump and dance with the thought”, concerning to his lessons about *ethos* as character – the most intimate habitation of being. We join the dance and the dwelling making an analogy with the *dwelling and the poetic* worked out by Heidegger, in his lecture under the title “...poetically man dwells...”. In this analogy, the dance is an exemplary human poetic activity, strongly anchored in existential scaffold.

KEYWORDS: Heraclitus, lightness, dance, thought.

Buscamos o sentido da expressão de Marcos Sinésio: “*caráter como habitação mais íntima do ser*”¹. A este seu dito sucedeu-se outro: “*leveza para saltar e dançar com o*

¹ Tradução de Marcos Sinésio para o termo grego *éthos*, por ocasião do seminário “A Poética de Aristóteles”, IFCS, outubro de 2007.

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

pensamento”², sobre a necessidade de nos entregarmos ao pensamento com a leveza de um dançarino que se dispõe para a dança. Em ambos os ditos, Sinésio quer chamar a atenção para a possibilidade de aproximação humana do divino que se vislumbra no real pelo pensamento. Mas o que significa dizer que o ser habita o caráter? Uma comparação entre o caráter e a casa, entre o ser e o habitante? Habitamos algum lugar, seja ele qual for. Mas a representação corriqueira de habitar um domicílio, não corresponde àquela expressão, que de nenhuma forma diz que o habitar significa estar em uma residência.

Contudo, aprendemos no decorrer da vida como nos instalar, como arranjar ao nosso redor as coisas que são necessárias para nossas atividades e, nesse sentido, o habitar atende às necessidades do mundo da cultura. Nele, o habitar humano demanda trabalho a partir de técnicas de modificar a matéria prima da natureza, forçando-a e conduzindo-a num sentido diferente do seu desenvolvimento espontâneo. Em contraste com a criação artificial empreendida pelo homem, está o modo de vir a ser espontâneo, embora a espécie humana precise mais do que qualquer outra de cuidados especiais, que ajudam não somente o homem a se desenvolver como ser vivo, mas também o inserem no mundo de cultura. Desde a mais tenra idade, e paralelamente ao crescimento espontâneo, assistido é claro por outro ser já adulto, somos educados a andar, correr, comer, falar, escrever, nos defender, nos proteger, nos comportar e agir conforme as regras da vivência em comum.

O existir humano é assim, mescla de natureza e de artifício, de forma que, mais apuradamente, pode-se perceber que o habitar está intrinsecamente comprometido com a existência, porque ele reúne esses dois traços fundamentais da presença humana, expressos numa tensão constante entre as normas do bem viver em cultura e as leis da natureza. A permanência do indivíduo é necessária conforme a lei da natureza, para que ele se torne maduro e seja capaz de procriar; já as técnicas pelas quais cada época produz cultura são articuladas com as normas morais, e regradas pela disciplina.

Essas características do habitar, e porque não dizer do existir humano, há muito tempo vêm sendo pensadas. Os mitos foram as primeiras projeções do pensamento, permitindo ao homem tematizar seu espanto com o real e com sua própria condição, em histórias repletas de deuses antropomorfizados, que justificavam toda a possibilidade de criação segundo modelos de artes e feitos humanos³. Citamos Sinésio:

² A propósito da tradução referida na nota acima durante o Seminário.

³ Por exemplo, ver na *Iliada* de Homero, canto XVIII-367, quando Thétis vai ao palácio de Hefesto pedir-lhe que forje novas armas para Aquiles e encontra-o em plena lida: “No meio tempo, Thétis,/a deusa pés-de-prata, ao palácio soberbo/de Hefesto chegara, ímpar entre os imortais,/imperecível, estrelado, em bronze ereto/pelo deus

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

“Ora, o poder máximo, a possibilidade máxima que pode haver na realidade é a *criação*, é a possibilidade de fazer com que do *não-ser* haja *ser*. Toda outra possibilidade, todo outro poder na realidade é secundário com relação a esse: pode ser um poder de manter, transformar, de modificar, reorganizar, mudar de lugar, aniquilar, destruir, etc. Por isso, o divino, a manifestação máxima de poder na realidade, tem como atributo essencial o de ser criativo, de fazer do não-ser o vir-a-ser. Antes do desvelar-se do divino no pensamento como φύσις, toda criação era considerada com modelo na criação do próprio homem do mundo humano, muitas vezes com modelo na criação artesanal humana, muitas outras com modelo, pelo menos, nas ações humanas – frequentemente na ação guerreira de feitos notáveis ou de ordenação – ou de seres vivos na perspectiva humana (no que foi em geral denominado μῦθος - *mythos*) sendo aqui toda divindade assimilada ao humano, a uma *personalidade*. Ou seja: o homem tinha se servido para deixar manifestar-se o divino, que vislumbra, das suas mais próximas experiências criativas. Os deuses, como imagens humanas para justificar toda possibilidade de criação, foram as projeções que permitiram primeiramente o homem tematizar e espantar-se com a criação, com o engendramento.”⁴

Mesclando artificialidade e naturalidade, o homem pensou os deuses à sua imagem e semelhança: assim como ele se reproduz, pensou os deuses se gerarem, assim como ele cria artificios e intervém na natureza, pensou deuses poderosos sobre a natureza. Essa visada antropomórfica mitológica constitui o primeiro modo do homem explicar todo o real, acentuadamente marcado pelo seu próprio modelo de criação artificial, a *téchne*, e pelo seu modo de agir, pelos atos humanos. Pela *téchne*, o homem participa da criação, edificando o que não pode surgir nem manter-se a partir do surgimento espontâneo.

Mas a despeito do abrigo objetivo ser algo construído, preenchido com diversos bens de uso e consumo, e de certa forma, ser o lugar da antinatureza, da deformidade, da distorção da força natural de eclosão empreendida pelo homem, a morada do ser é sempre a morada originária. Ela sobrevive nas investidas do pensamento de pensar o habitar. Semelhantemente, sonhamos constantemente com a primeira casa. Não há neste retorno nenhuma nostalgia, ao contrário, existe uma sensação de proteção e acolhimento plenamente atualizados, embora o espaço do sonho não possua as características do espaço real, assim como o caráter não é uma edificação objetiva. Pensar a morada originária é como voltar à primeira casa no sonho, é

coxo. Ei-lo entre os foles, afanoso./suarento. Uma vintena de trípodes bem-/lavradas para o paço forjava, adornando-o/em torno ao saguão; rodas de ouro aos pés lhe pôs/ a fim de que, por moto próprio, entrassem na ágora/dos deuses e/ depois voltassem-lhe a morada./maravilha de ver-se. Estavam quase prontas./só faltavam as asas dedáreas; com cravos/as estava pregando e forjando as presilhas.” Trad. de Haroldo de Campos.

⁴ Sinésio, manuscrito inédito de suas lições no IFCS/UFRJ, p. 2.

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

como voltar a um passado que não passou, e que ao contrário, constitui a fonte vigente da qual nos alimentamos sempre.

Por isso, o sonho contribui especialmente para a metáfora do caráter como habitação do ser, pois não nos situamos objetivamente nele. Apesar disso, em certos sonhos, de alguma forma sabemos tudo que nele ocorre; pressentimos os acontecimentos e os sentimentos dos que lá estão conosco, percebemos as presenças, as ausências, as lembranças, os esquecimentos, os limites, os medos, as angústias; tudo que enfim se aloja em nosso ser, percebemos com uma nitidez desconcertante o espaço do sonho. Geralmente ausente na vida real, esta onírica completude aparente dos atos nos quais o ser não está dividido, mas inteiramente presente, provém da sensibilidade para aquilo a que desde sempre se está enviado.

Podemos pensar esta completude aparente como um habitar intenso num lugar que é inabitável, o abrigar-se numa não casa, como o caráter. Considerar o caráter a morada do ser exige que, contrariamente ao sentido de nos guardarmos em algo que é externo a nós, invertamos totalmente o sentido do habitar e encontremos na nossa própria existência a morada de nós mesmos; tanto estamos em nosso caráter quanto ele está em nós. Como morada originária o caráter e o existir coincidem, mas não de forma indiferenciada, e sim enquanto permanecem na diferença de seus modos de ser. A construção do caráter é o trabalho de uma vida inteira; ele vai sendo lentamente forjado na vivência diária apoiado na memória, nas referências e nos valores, enquanto que o existir é a condição de possibilidade da construção do caráter. Conquanto se possa ver aí uma supremacia do ser sobre o caráter, que existir se revela se não de um determinado modo? Só podemos pensar o caráter como morada do ser nas relações de identidade e diferença dos seus elementos, ou seja, guardando as diferenças entre a efetivação a partir de um esforço, de um empenho, de uma vivência, e a potência para a efetivação deste esforço. Enquanto possibilidade, um caráter é algo a se efetivar, em pleno ato ele é uma possibilidade efetivada, são momentos diferentes, porém reunidos numa unicidade originária.

Essa possibilidade de explicação do princípio vigente do existir, assim como outras, corre o risco de ser absorvida e reduzida ao mero nível da manipulação, com o desencadeamento avassalador da técnica. Na vulgarização da noção de *phýsis* o homem é representado como grande autor do mundo, e a tensão entre o divino e a natureza se desfaz, como um músculo que se atrofia quando não é chamado ao esforço. Como nos ensina

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

Carneiro Leão, é necessário *um esforço de pensamento para abrir, através do diálogo, horizontes diferentes para um novo principiar do mesmo mistério.*⁵

Assim, o desvelamento do divino no pensamento como *phýsis* de que fala Sinésio, concepção que tem como cerne a delimitação do *natural* com relação ao *artificial*, é um desdobramento do mito; a filosofia por sua vez, começa com uma interpretação do divino⁶, procurando sondar-lhe o cerne mais próprio. Não obstante o esforço de pensadores originários⁷ como Xenófanes e Heráclito de corresponder de maneira mais autêntica ao divino⁸, estes já empreendem sua sondagem sobre o solo no qual o homem se serve de suas experiências criativas mais próximas, no que se vislumbra em meio à multiplicidade e diversidade do real.

Heráclito, naquilo que a edição de Diels notabilizou como fragmento 119 – *Éthos anthrópou dáimon* –, pensa o *éthos* como a morada originária do homem, o lugar onde a divindade (*dáimon*) se faz presente. O tempo que separa este universo de compreensão do mundo atual, do qual mais parece que o divino se retirou totalmente, ao invés de representar distância e obstáculo, ao contrário, provoca o pensamento. Assim, Carneiro Leão traduz o fragmento 119 de Heráclito como: “A morada do homem, o extraordinário”; o espaço aberto onde habita o homem é o lugar do extraordinário, do divino. Podemos recorrer àquele que foi o arauto de uma nova relação com o divino, e que marcou acentuadamente o modo como a filosofia se debruçou sobre esta questão, para vislumbrarmos aquilo a que se refere o termo *extraordinário* na tradução de Carneiro Leão: Sócrates.

Nos diálogos platônicos, Sócrates aparece como alguém que fala e age porque ausculta o seu *dáimon*, a sua divindade. É desde a ausculta que o divino lhe dirige a palavra e, correspondendo a ela, Sócrates realiza seu ser, traduzindo em ações aquilo que lhe é sinalizado. A divindade conduz a existência de Sócrates, ela aparece como a fonte de sentido realizadora da sua vida. O termo *dáimon* da sentença de Heráclito, explicitado pela tradução de Carneiro Leão como *extraordinário*, tem na figura de Sócrates aquele que encarna em vida a prática da escuta do divino, relacionando-se com ele da maneira mais apropriada ao homem: pelo pensamento. Nas palavras de Sinésio, o pensamento é um envio da divindade que só vem a ser diante da entrega ao pensar assumido com vigor pelo homem. Sendo assim, o

⁵ Carneiro Leão, 1977, p. 81.

⁶ Sinésio, op. cit. p.1.

⁷ Carneiro Leão intitula *Pensamento Originário* o questionamento que procura pensar o pensamento dos primeiros pensadores gregos: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Zenão, Xenófanes, Heráclito e Parmênides, 1977, p. 79.

⁸ Cf. Xenófanes, fr. DK 11, DK 34; Heráclito, fr. DK 42.

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

pensamento não é considerado por Sócrates – nem tampouco por Platão ou Aristóteles - como um mero produto da cabeça do homem, como é comum nos nossos dias.

Assim, forma-se uma tradição de pensamento à medida que, e ao modo como o divino vem à fala, e reciprocamente, à medida que o homem escuta e se faz pertencer ao apelo da divindade – a fonte de toda vitalidade. Em destaque mostramos como Sinésio interpreta o advento socrático como uma nova relação com o divino a partir do trabalho dos pré-socráticos:

“O vigor do pensamento pré-socrático é desafiado pela crise da cultura grega, para a qual ele contribuiu na medida em que ensejou uma crítica corrosiva do mundo da cultura em geral. Uma investigação, um questionamento de longo fôlego era necessário para que o mistério que constituía o homem e toda a porção do mundo que lhe era particular começasse a orientar-se por um sentido próprio - e o vigor desse questionamento era tanto mais desafiador quanto quem investiga pelo seu sentido é o próprio homem. Nessa investigação, que se constituiu no empreendimento supremo de Sócrates, são seguidos os vestígios do divino em todas as realizações, em todos os atos e obras humanos. Descobriu-se de uma maneira mais decisiva que o divino, manifestando-se pela possibilidade de correspondência a ele mais apropriada que é o pensamento, concernia, e de maneira mais eminente, a todo o mundo humano, a todo o mundo da *pólis*. **O divino concernia à língua, concernia à produção humana, concernia às leis morais e políticas, e de uma maneira mais própria do que a todo o resto da natureza.** O *daímon* que fala a Sócrates é, neste contexto, alegado como uma prova de que a sua concepção da divindade não a afastava do mundo humano, não pretendia-se ser tão somente natural, deslocando o mundo humano como anti-natural. **O *daímon*, ao assumir um contato com o homem, ao interpelá-lo pela língua, significa inequivocamente que o divino concerne ao homem, e ainda de uma maneira privilegiada, pois é através da língua (*lógos*) que o homem guarda toda a tradição que faz o seu mundo melhor do que o mundo natural, sem a cultura humana, ao guardar as leis da técnica, da moral e da política.”⁹**

Acentuadamente, na interpretação de Sinésio, o divino, ou o *daímon*, estabelece com o homem uma relação especial através do pensamento, do *lógos*, presente e atuante em todas as manifestações humanas, e com relação, sobretudo, às manifestações artificiais da cultura, o que confere a este âmbito da existência uma proveniência tão divina quanto a natural. Visto assim, o antinatural não é antidivino. Em seguida ele corrobora que Sócrates deixa transparecer a dimensão extraordinária do pensamento, o extraordinário é o mais próprio do pensamento; nos diálogos socráticos vê-se o pensamento surgir não como estratégias

⁹ Sinésio op. cit. p. 58. O negrito é nosso.

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

mirabolantes de argumentação e sim, como força que eclode desde a disposição para a sua recepção, que Sinésio chama de *entrega*.

Na linhagem desta tradição que pensa o *éthos* humano associado ao divino, provém de Heidegger a explicitação da escuta do extraordinário com versos de Hölderlin “...poeticamente o homem *habita*...”¹⁰. A associação com o poético convida a deslocar para mais adiante a perspectiva objetiva das considerações sobre o habitar, e remete a um pressuposto que deve ser assumido: há um abismo entre os universos do habitar e do poético, assim como da morada e do caráter, mas tanto o poético quanto o caráter, quando evocados conferem um reforço à divindade do habitar humano.

Enquanto lugar onde se mora, uma habitação, à primeira vista, é um objeto espacialmente constituído, sua realidade é visível e tangível, nela predominam as formas definidas, o encaixe; e o equilíbrio ali é determinado pelo cálculo. Somos tentados, portanto, a olhá-la com uma frieza utilitária. Nesse modo, ela tem como causa eficiente a técnica humana da construção, arte que agrega diversos saberes: o conhecimento acurado das matérias primas com as quais a edificação é construída, sua obtenção no reino da natureza, seu manuseio, seu transporte, os modos apropriados de transformá-las para serem usadas como material de construção; cálculos e projetos de arquitetura e de engenharia, mão de obra especializada, moradores em potencial, vendedores, corretores, tudo isto e muito mais, antes mesmo dela se constituir verdadeiramente a habitação de alguém. Ou seja, em torno da habitação gira um complexo que articula o trabalho e a ação de diversas pessoas e diversos saberes. Uma vez habitada, outro complexo vem a se articular com relação à morada, porque é com sede na habitação que indivíduos organizam suas relações, seus afazeres, seus planos, seus empreendimentos afetivos e profissionais.

Neste outro estágio a casa se humanizou, e lhe cabe então a transposição para o caráter. Apesar do caráter não aparecer como algo objetivo, ele determina as escolhas e as ações humanas que invariavelmente estão implicadas nos afazeres, nos projetos, nas empresas pessoais e coletivas; não há ente privilegiado que detenha exclusivamente para si o caráter, universalmente ele está presente e atuante em todos os humanos, por piores ou melhores que sejam suas vidas. Pode-se até falar de uma *matéria-prima* do caráter: a vontade humana, os apetites, uma maneira da natureza obrar o homem. Mas como o desejo vira ação?

¹⁰ Heidegger, *Ensaio e Conferências*, tradução Marcia Schuback, 2001, p. 169.

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

Pensando que o desejo revela a falta de algo, podemos assumir que, nos movemos pela necessidade de completude, à medida que a vontade tem força para engajar-se neste movimento. Para melhor elucidar o raciocínio, e já que se trata de caráter, vamos analisar o exemplo da arte do dançarino (imagem evocada por Sinésio), colocando para o artista especificamente a mesma questão: como o desejo do dançarino vira dança? Como a vontade de dançar faz com que ele dance? Nos termos em que foi colocada a questão, o desejo de dançar do dançarino revela a falta de completude do seu ser, ou seja, enquanto pretendente à dança ele está em vias de se tornar aquilo mesmo pelo qual se sente atraído; e se ele se encontra enredado pela dança, é porque já está inserido nela; a dança desponta para ele num horizonte de sentido que já lhe é familiar, embora ela lhe apareça como falta. Que se diga que o dançarino vai se tornar aquilo que ele já é, ou que ele já é dançarino antes mesmo de vir a se tornar, é perfeitamente legítimo, visto que, a prática - veio *a posteriori* legitimar a perspectiva da dança, que já se instalara antes mesmo que o dançarino pudesse começar a empreender o tipo de prática que o leva a se tornar dançarino. Ou seja, a dança se consagra na prática que forma e investe um contorno determinado ao caráter do dançarino. Deste ponto de vista, a falta acena necessariamente e indica o procedimento a ser tomado pelo dançarino, pois, se é de dança que ele tem falta não adianta suprir esta necessidade com outra coisa.

Vamos explicitar melhor: se o dançarino tem vontade de dançar ele tem que se engajar na prática que vai lhe conferir um contorno determinado, que vai caracterizá-lo como dançarino. Para isto ele tem que se dedicar com disciplina constante a este aprendizado. Ora, para ter a disciplina e seguir constantemente em seus atos as regras de procedimento que a técnica da dança prescreve, o dançarino terá que se abster e controlar muitos outros desejos que possa ter, e que são incompatíveis com a prática da dança, por exemplo: comer indiscriminadamente toda sorte de alimentos, beber muito ou mesmo usar outros tipos de droga que desestabilizem o metabolismo do seu corpo, interromper a constância e a frequência na prática da técnica, etc. Desviando-se das adversidades ele terá que obedecer às regras da prática, terá que ter força para manter-se ativo mesmo quando seu corpo reclamar de dor ou de cansaço, terá que concatenar os seus gestos e movimentos com o de outros praticantes quando estiver dançando em grupo, terá que conceder seus feriados e fins de semana a ensaios e espetáculos. Seguindo todos os dias os mesmos horários, os mesmos procedimentos, percorrendo a mesma série de gestos, o dançarino aprende a se colocar positivamente com relação à prática, e negativamente com relação aos apetites contrários à ela. Depois de alguns bons anos neste exercício, o dançarino conquista uma força específica,

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

uma virtude que lhe possibilita resolver os problemas e vencer as dificuldades que concernem à dança. Com tantas conquistas, ainda assim o dançarino não compreende o que se passa, visto que é difícil a compreensão do que se é quando se está totalmente inserido no seu próprio elemento, que faz a dança, o dançarino e o dançado coincidirem, aliás, ele sequer se questiona acerca disso.

A indagação do caráter nos remeteu para o âmbito do poético. Vimos que no exemplo do dançarino ele está sempre às voltas com regulações, como se tivesse que encontrar a medida certa nos seus atos. Sua aplicação ou não à arte poética da dança¹¹ depende de mais um pouco disso, ou menos um pouco daquilo. Se ele suporta ou não, o que implicitamente significa dizer *como* ele suporta seus afazeres, consiste em manter-se constantemente em *equilíbrio*. O equilíbrio buscado é uma ação e não a capacidade de ficar imóvel, uma constante adaptação a novos eixos; a coisa em si mesma da dança é um contínuo de eixos, pois, em movimento, o corpo tem que passar por diversas situações espaciais, às quais as partes do e *no* corpo devem se ajustar diferentemente e continuamente, conforme o percurso e o desenho do movimento. As novas situações estão não apenas relacionadas com a coisa mesma da dança, elas passam a permear a vida do dançarino como um todo, desde que ele assuma com vigor esta prática. A *equilíbrio* exige do dançarino muita concentração naquilo que vige veladamente em seu corpo, e que ele descubra em si mesmo como uma sabedoria mal fundada; equivalente à falta de completude, uma sabedoria mal fundada não concede régua, nem tabuada, nem gramática, e sim uma aptidão quase divinatória, um instinto para o ajustamento do corpo às mais variadas situações espaciais, como se ele seguisse um modelo invisível. Podemos falar que esse modelo invisível lhe toca os ânimos, assim como falamos que o divino é *auscultado*.

O divino não é nada evidente, mas ele ocorre de uma maneira imediata ao dançarino como gosto pela prática da dança. Contudo, o gosto do dançarino é algo que se reserva também como obscuridade. Apesar de todo constrangimento que a prática lhe impõe o dançarino se sente afeiçoado pela dança, o que lhe causa muita inquietude. Essa estranha maneira do divino se insinuar através da dança na vida do dançarino, afeiçoando-o e constrangendo-o é processo, é método, é prática, com regras, costumes, procedimentos,

¹¹ Cabe uma ressalva, visto que a poética parece privilégio somente de alguns: aqui não se trata do dom de fazer poesia, criar poemas, ou escrever textos poéticos; Heidegger aponta para o caráter universal do poético e explicita que, mesmo um habitar sem poesia só é possível porque em essência o habitar é poético, e ainda corrobora: *um homem só pode ser cego porque, em sua essência, permanece um ser capaz de visão*¹¹. Trata-se, portanto, de compreender como, em ato, o poético se faz presente na vida do homem, como ele vem a habitar

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

subordinação, reprodução, persistência, esvaziamento, desvios, retomadas, idas, vindas, subidas, descidas, enfim... uma lavra labiríntica que, entre erros e acertos, constringe o dançarino numa certa mecanicidade. É uma lavra no sentido de um cultivo, a ser regado e tratado diariamente com observância àquilo que lhe é necessário, e do modo que atende especificamente a dança. É labiríntica porque não segue uma linha reta, de início não se vê ao longe onde se vai chegar, segue-se um percurso tortuoso que envolve mais do que ganhos, perdas. Embora o fruto desta sementeira e cultivo seja o fruto mais doce, ele é muito duro também, como uma rapadura. A lavra é construída e elaborada artificialmente, mas o seu fruto se dá como algo que paradoxalmente tem vida própria; a dança não pertence ao dançarino, ela o toma como uma corrente caudalosa. O dançarino intui que a completude do ser na verdade é um certo repouso, é alcançar o não esforço absoluto, é entrar numa corrente de movimento que o leve e na qual ele só pode se equilibrar se permanecer em constante ação.

Estamos falando de algo que estranhamente se transforma de labor da prática exaustiva em disponibilidade para o metro adequado. Para estar no metro adequado, o dançarino deve estar na falta, isto é, numa doação sem trégua à sofisticação dos gestos, à aquisição de novos padrões de movimento, à modificação de hábitos, à superação constante das dificuldades dos movimentos e das dores do corpo. Assim, o dançarino se confronta com os limites da sua possibilidade, o que também significa dizer que ser dançarino é não alcançar efetivamente jamais a completude almejada do ser, pois, esta é a condição de possibilidade para que ele permaneça vivo, na auscultação do divino. Neste sentido a essência da dança como arte poética é um *deixar-habitar*, como o *construir*, *produzir*, *poetar* por excelência, não no sentido de preencher as necessidades habitacionais e fisiológicas, ou de produzir uma obra, e sim como consequência do ser totalmente comprometido no sentido de uma lida, uma existência. Contra as intempéries, a morada íntima do ser deve se colocar *flexivelmente* defendida, só assim resistirá ao ataque impetuoso das provações que se anunciam. Em meio à borrasca, vemos ativado o valor da intimidade e a felicidade do habitar, sentimos a força sobrenatural que o enraizamento dos valores proporciona. Podem as paredes da casa se dissipar ao vento, o que resiste a tempestade é a humanidade da habitação. No caráter que o filósofo converteu em casa, precisamos superar as falsas impressões de segurança e conforto dos refúgios temporários e nos atermos à dignidade da solidão da nossa habitação.

poeticamente. É em vista de elucidar o sentido amplo do habitar poeticamente que deve ser acolhida a nossa análise específica da arte da dança.

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

Referências bibliográficas

- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins fontes, 1993.
- CARNEIRO LEÃO, E. *Os Pensadores Originários*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GARAUDY, R. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HÖLDERLIN, F. *Hinos Tardios*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000.
- HOMERO. *Ilíada* - vol II, trad. de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002.
- LABAN, R. *O Domínio do Movimento* – 2ª edição. São Paulo, 1978.
- MESCHONNIC, H. *Le Langage Heidegger*. Paris: PUF, 1990.
- SILVA, S. “O Expressionismo e a Dança”, in *Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- SINÉSIO, M. *A crise dos valores orientadores da cultura grega e seu reflexo em Atenas: o contexto do surgimento do pensamento socrático e de seu desenvolvimento*. Manuscrito.
- SOUZA, J. C. *Os Pré-socráticos*. Coleção Os Pensadores – 1ª edição. São Paulo, 1973.

ANEXO

ANOTAÇÕES DE AULA

ÉTICA – MARCOS SINÉSIO

ARISTÓTELES - ÉTICA A NICÔMACO - LIVRO I

IFCS – SALA 306

09/08/06, 4ª FEIRA

Livro I, cap. 1, pág: 249

Como o homem habita o mundo?

Qual é o modo próprio do homem estar no mundo?

- 1) “ escolha” - deliberação – envolve a eleição do bem, do melhor; a ética diz respeito ao *ethos*, ao habitar, ao modo como o homem habita, como distribui seus hábitos no mundo, o que o homem costuma fazer, como seus hábitos são distribuídos na sua habitação. O lar é o lugar onde habitualmente estamos e esperamos o nosso destino, um ponto de referência, lá se reúne tudo que você usa habitualmente, lá você dispõe das coisas que você usa e que você guarda. A habitação reúne nossos usos. A ética se ocupa de como o homem está no mundo. Qual é o modo próprio do homem estar no mundo? Para os animais é o habitat, os hábitos daquele animal na terra revelam seu modo de ser. O homem tem também uma forma de habitar. O 1º nível, o mais rente à natureza e a terra é o produzido pelo homem. Segundo Aristóteles, *téchne* é a arte, um saber que possibilita chegar a um produto. O homem coloca entre ele e a natureza um

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

- produto, habitualmente entre o homem e a natureza existe algo que o homem cria. O que o homem produz não eclode da natureza, tudo tem que ser feito por uma técnica, fórmulas, leis, ciência do fazer, toda técnica é uma espécie de ciência, leis universais através das quais se chega a produto final. Os produtos são a base material do homem ser no mundo.
- 2) “bem” – o homem habitando no mundo está sempre fazendo escolhas, lançando mão de algo que ele prefere como sendo melhor. Em cada situação você lança mão de alguma coisa que naquela conjuntura lhe pareceu melhor. Você está sempre elegendo algo, está sempre procurando o bem. Os produtos perfazem uma camada entre o homem e a natureza. Na sede não se vai ao rio beber água no RJ, vai-se à geladeira, ao copo, ao bebedouro, essas coisas já estão preparadas para o seu uso. Normalmente prefere-se aquilo que foi preparado para aquela ação. Isto é escolher o bem, esse melhor para você vai ser o bem. Estamos sempre numa situação contingente, o que você escolhe é o que te parece melhor naquele momento, geralmente elegendo um produto humano para sua ação.
 - 3) “Mas observa-se entre os fins uma certa diferença...” – dois tipos de ciência: 1^a) que tem o fim para além dela própria – ação – *téchne* – arte, artesanato, técnica que coloca os bens no mundo, para além do fazer do homem, tem o produto como resultado da técnica. Neste tipo de ação o produto é mais importante, você regula ação pelo produto que você quer. O que dá sentido a ação é produto, o produto objetivo da ação, o produto é mais excelente que a ação, a ação só pode ser avaliada pelo produto. Na *téchne* o bem vai ser sempre o produto. Isto constitui o primeiro estrato da habitação humana. 2^a) Mas existem ações que têm como fim a própria ação, a ação que forma o homem, que não resulta em produto e sim uma capacidade de agir, a ação tem como fim a própria ação, potencializar a própria ação, ela não tem um produto fora dela a alcançar, são as ações que formam o caráter do homem. O objetivo dela é fazer cada vez mais o sujeito agir daquela forma. O uso moderado dos produtos promove a potencialização. A ação que potencializa a própria ação deve estar acima da ação de produzir um produto. O homem não pode viver em função de um produto e sim em função da ação. Este é o topo das finalidades. O mais importante é o uso que se faz das coisas. Cada coisa tem o seu fim e a que é mais final é a mais nobre. A técnica mais importante na polis é a técnica que forma o homem. A *práxis*, não é mais técnica, são as ações que não tem como fim nada além da ação. Todos os produtos produzidos na *pólis* devem estar subordinados à *práxis*, cuja essência dela é a ação, embora tenha uma articulação com a teoria. A *práxis* é a ação voltada para a própria ação e que está no topo da *pólis*; a vitória, por exemplo, deve estar subordinada a paz. A virtude do artesão está em função da produção do seu produto. Para Aristóteles o homem deve estar no topo da *pólis*, empenhado em formar-se e não em produzir produtos. O homem não é como os outros animais para Aristóteles, a *pólis* ordenada é o objetivo. O mercado atual não tem nenhum projeto para o homem, o homem em si está virando um produto, o marketing cria necessidades para o homem consumir. O destino é sempre velado, mas o homem deve estar aberto. O conhecimento não é um produto, é uma contemplação, algo que se oferece a uma capacidade, algo que só pode ser tocado pela contemplação e não possuído como um produto. Na ética o ponto máximo é a *práxis*, que é a ação que visa à própria ação, o homem amadurecido por esta ação.
 - 4) “...o sumo bem.” – o que você quer por causa de outra coisa é menos bem que a outra coisa. O marceneiro trabalha conforme a necessidade de quem vai usar a mesa. Todos os bens devem se subordinar a um sumo bem, o divino, a completude de todas as

De Oliveira, Eraci Gonçalves
Caráter, a morada mais íntima do ser

- coisas. Capacidade de vida teórica (?) Se você souber o sumo bem você vai saber quais os bens para atingi-lo.
- 5) “ a política” – a arte de ordenar a *pólis* suprema, tem que ser capaz de dar a cada ciência o seu lugar adequado. A política é a arte mais arquetônica (arquivo, chefia, orientação). Ser uma arte arquetônica significa que dispõem das outras artes. O homem é que dá sentido a todos os produtos, é assim na *pólis*. O bem do próprio humano colocado acima de tudo na *polis*.
 - 6) “bem humano” – o bem do próprio homem colocado acima de tudo na *pólis*.

[Recebido em março de 2010; aceito em junho de 2010.]